

## O SLAM COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE LITERATURA

Isabelly Karoline da Silva Miguel <sup>1</sup>  
Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães (UEPB)<sup>2</sup>

### RESUMO

Na contemporaneidade, a literatura brasileira vem sendo escrita por diferentes grupos sociais, inclusive aqueles antes excluídos do campo da produção estética. Contudo, a luta por mais representatividade e reconhecimento ainda se faz necessária, tendo em vista que persiste, no circuito literário, a subalternização de algumas produções literárias, especialmente as obras que constituem a chamada literatura marginal ou periférica. O presente estudo configura-se como uma pesquisa bibliográfica, que objetiva compartilhar uma proposta didática com foco na abordagem do *slam* que ultrapasse as fronteiras de uma experiência sociocultural, para tornar-se uma experiência de leitura literária representativa de grupos socialmente marginalizados. Para tanto, os aportes teóricos que embasam esta pesquisa contemplam as discussões fornecidas pelos documentos oficiais de ensino, a saber: as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2006; 2018). Além disso, a fundamentação teórica também conta com reflexões críticas sobre o ensino de literatura (MARTINS, 2006; COSSON, 2006, 2020), relacionadas aos estudos contemporâneos da crítica literária brasileira debruçados no cerne da produção, circulação, recepção e problematização da literatura marginal ou periférica (ABREU, 2006; FREITAS, 2019; VIEIRA, 2015). Por fim, as sugestões destacadas evidenciam um conjunto de práticas socio-discursivas de letramento literário que podem ser desenvolvidas no sentido de ajudar a posicionar o aluno como sujeito ativo, leitor e participante, através das batalhas de poesia marginal, em um processo de aprendizagem estética e conscientização social pelo próprio objeto literário *slam*.

**Palavras-chave:** Slam, Literatura Marginal e Periférica, Ensino de literatura.

### INTRODUÇÃO

O surgimento de inúmeras manifestações culturais no universo literário demonstra processos contínuos de mudanças sociais e de inovações artísticas brasileiras. Nesses contextos, discursos diversos se entrecruzam passando a construir novos sentidos e percursos ideológicos, em que a literatura se revela enquanto “fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais” (ABREU, 2006, p.41).

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, campus I. E-mail: [isabelly.miguel@aluno.uepb.edu.br](mailto:isabelly.miguel@aluno.uepb.edu.br);

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, campus I. E-mail: [kalinaro@servidor.uepb.edu.br](mailto:kalinaro@servidor.uepb.edu.br).

Voltando-se às escritas contemporâneas, observamos que a luta por mais representatividade e reconhecimento ainda se faz necessária, tendo em vista que persiste, no circuito literário, a subalternização de algumas produções literárias, em destaque às obras que constituem a chamada Literatura Marginal ou Periférica. Elas retratam comumente problemáticas sociais relevantes, as quais conduzem as características estéticas e literárias para um novo espaço linguístico plural, que reflete o lugar social de onde sujeitos diversos escrevem, especialmente, grupos historicamente excluídos do campo de produção dos saberes.

Dessa forma, apresentamos uma proposta didática com foco na apropriação do *slam*, gênero de Literatura Marginal/Periférica contemporânea que se constitui como poesia oralizada nas batalhas realizadas em espaços urbanos diversos. Nossa abordagem constitui um conjunto de práticas de leituras literárias e artísticas, visando propiciar no espaço escolar o contato com as experiências estético-sociais proporcionadas por *slammers* e como essas produções são construídas pela linguagem.

Contraopondo-nos à concepção de que na escola deve circular apenas as chamadas grandes obras literárias reunidas no cânone, concebemos a aula de literatura como lugar de interação com leituras destoantes do canônico, ou seja, como o espaço propício para uma experiência literária mediada pela construção coletiva que tem como objeto primordial o próprio texto literário e o contato efetivo com as vivências nele suscitadas.

Nesse sentido, buscamos refletir, com base nas discussões fornecidas pelos documentos oficiais de ensino (BRASIL, 2006; 2018), juntamente às reflexões críticas sobre o ensino de literatura (MARTINS, 2006; COSSON, 2006, 2020), sobre os processos de legitimação literária e o desenvolvimento de atividades de ensino de literatura pautadas na produção, circulação, recepção e problematização da Literatura Marginal ou Periférica (ABREU, 2006; FREITAS, 2019; VIEIRA, 2015).

Portanto, a reflexão e a proposta didática delineadas neste artigo configuram como giro decolonial<sup>3</sup>, em que o *slam*, enquanto experiência estética e cultural, pode ser concebido como um conjunto de práticas socio-discursivas de letramento literário que pode ser desenvolvido

---

<sup>3</sup> Os pressupostos teóricos em torno da decolonidade são desenvolvidos por estudiosos latino-americanos que compõem o Grupo Modernidade/Colonialidade, dentre eles destacam-se Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Catherine Walsh. Em linhas gerais, pode-se compreender que o pensamento deloconial “tem como essência a crítica e a desconstrução da lógica da colonialidade, que provém das relações de poder e de dominação colonial, mas vai além, na medida em que se expressa nas relações intersubjetivas. Nesse sentido, as relações de dependência não se reproduzem apenas nas esferas política e econômica, mas também na construção do conhecimento. A decolonialidade objetiva uma construção do conhecimento que valorize os saberes de indivíduos, grupos e comunidades subalternizados, com foco na realidade e complexidade latino-americana. Os saberes decoloniais buscam produzir formas de conhecimento que não sigam a lógica da colonialidade” (ZEIFERT; AGNOLLETO, 2019, p. 197).

com a finalidade de estabelecer condições para que o aluno assuma a posição de sujeito ativo, leitor e participante do processo de ensino-aprendizagem.

## PRÁTICAS LITERÁRIAS EM SALA DE AULA

O processo de escolarização do ensino de literatura, ao mesmo passo que contribui e é indispensável na formação do jovem leitor, apresenta ainda um conjunto de fatores que condiciona a forma como a literatura pode ser percebida por leitores diversos. Nesse contexto, Ivanda Martins (2006, p.85) afirma que “O texto literário é tratado de modo isolado, como espécie de expressão artística que por si só já carrega significação própria”. Dessa maneira, destacamos ainda a ênfase dada aos títulos canônicos e a fragmentação de textos e obras em uma perspectiva, sobretudo, histórica.

Esta estigmatização, influenciada por outras noções como a de “Grande Literatura”, ocasionou a marginalização de muitas produções literárias, que reflete processos de exclusão para além do campo da Literatura, representando a colonização do saber e de vivências construídas historicamente, em que o fazer literário emerge enquanto mecanismo de criação de sujeitos diversos.

Nesse sentido, a atribuição do que é visto como literário interliga-se à *questão de valor*: “que tem pouco a ver com os textos e muito a ver com posições políticas e sociais” (ABREU, 2006, p.39). O processo de valoração das obras passa por critérios das instâncias legitimadoras como as escolas e universidades, a crítica literária, os prêmios e concursos literários. Também a Indústria Cultural, através das várias mídias, revistas, entre outras categorias e redes, participa desse processo de capitalização dos bens culturais atribuindo-lhes *valor simbólico*. O ordenamento das obras em um sistema valorativo, muitas vezes, mal disfarça suas escolhas aleatórias:

A ausência de referências sobre o campo da literatura e a pouca experiência de leitura – não só de textos literários como de textos que falem de Literatura – fazem com que os leitores se deixem orientar, sobretudo, por seus desejos imediatos, que surgem com a velocidade de um olhar sobre um título sugestivo ou sobre uma capa atraente (BRASIL, 2006, p.61).

Diante desses aspectos, precisamos pensar em práticas de leitura contemporâneas que consigam superar essas dificuldades, sem que o texto literário tenha sua potência estética apagada ou reduzida às manifestações culturais. Ele deve ser inserido em práticas de letramento literário contextualizadas que reúnam o código escrito, oral e semiótico, com fins à exploração de novos gêneros literários, assim como seus fatores estéticos e ideológicos, pois:



O texto literário é plural, marcado pela inter-relação entre diversos códigos (temáticos, ideológicos, linguísticos, estilísticos etc.), e o aluno deveria compreender a interação entre literatura e outras áreas que se relacionam no momento da constituição do texto (MARTINS, 2006, p. 87).

A necessidade de apreender a obra literária em suas articulações com os diversos códigos, linguagens e áreas do conhecimento, apontada por Martins (2006), corresponde a alguns objetivos do letramento literário, entendido como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Dessa maneira, a literatura insere-se enquanto prática social, a partir da qual os leitores, em diálogo com o mundo sócio-histórico, cultural e estético, tecem significados para os textos, atualizando-os também segundo um enquadramento próprio, marcado por dinâmicas subjetivas. Portanto, o letramento literário abrange uma apreensão singular do texto pelo leitor, mas não dispensa o sujeito de, nessa interação, considerar os gestos e protocolos de leitura constituídos nos espaços culturais da sociedade.

Em virtude das reflexões tecidas, discutimos, a seguir, como o *slam*, enquanto gênero de Literatura Marginal/Periférica, pode ser apreciado em práticas de leitura imersas no ensino de literatura, que concebe o texto literário como unidade estético-enunciativa, considerando as dimensões discursivas, semióticas, gramaticais e multimodais, “de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses” (BRASIL, 2018, p.67).

## LITERATURA MARGINAL/PERIFÉRICA: O *SLAM*

O conceito “Marginal” na Literatura Brasileira vem se resignificando ao longo das décadas. A geração de 1970 (mimeógrafa), por exemplo, estava mais interessada em transformar as visões estéticas e os conceitos culturais da época do que em assumir finalidades propriamente sociais. Composta por grupos de considerável prestígio social, estes eram marginalizados no sentido de contestar a ideia central e dominante de literatura/arte e não por partirem de lugares periféricos:

Os escritores tornavam-se marginais pelo modo de vestir, alimentar-se, pela mobília, por seus hábitos, porém, ainda simbolicamente e literariamente, estavam ligados à sua classe de origem, a burguesia, mesmo sendo divergentes em seus conceitos (VIEIRA, 2015, p.49).

No atual cenário de produção literária marginal, destaca-se a ascensão das lutas de grupos das chamadas minorias que propiciou o desenvolvimento de manifestações estético-



culturais que ocupam novos espaços e são produzidas por autores que estão na periferia e, portanto, vivenciam as realidades exploradas em suas poéticas. Contestando conceitos e padrões estéticos, esses grupos, historicamente excluídos do campo da produção dos saberes, buscam visibilidade e legitimação de suas produções artísticas.

Sendo múltiplas e diversas, essas novas vozes trazem dificuldades quanto a uma nomenclatura capaz de representar todos estes movimentos. Assim, não há um consenso entre a academia e os escritores. De acordo com Vieira (2015, p.56), há várias denominações: “Literatura marginal feita por marginalizados, Litera-Rua, Literatura divergente, Literatura periférica, Literatura Marginal/Periférica, entre outras [...]”.<sup>4</sup>

Dentro desse cenário, selecionamos o *slam* como foco para o desenvolvimento de práticas de ensino de Literatura Marginal/Periférica inseridas num projeto maior de leitura vinculado às realidades escolares e a outros gêneros literários. O desenvolvimento dessas atividades tem amparo na seguinte competência prevista pela Base Nacional Comum Curricular:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p.496)

O *slam*, também intitulado como *poetry slam*, refere-se tanto ao evento das batalhas de poesia oral como a própria poesia. Esta é carregada de um discurso político-militante buscando contemplar a realidade das minorias, tratando sobre questões étnico-raciais, as desigualdades sociais e de gênero, violência, drogas, entre outras temáticas. Devido ao forte engajamento, o *slam* também se configura como um movimento sociocultural. Em termos gerais, assim o define Freitas (2019, p.2):

O poetry slam é uma batalha de poesia falada, cujas cinco regras principais, apesar de variarem de lugar para lugar, tendem a permanecer relativamente as mesmas: os competidores têm três minutos para apresentar sua poesia autoral e inédita naquele slam, sem o auxílio de adereços de cena ou acompanhamento musical. As poesias são julgadas pelo público e pelos jurados imediatamente após sua leitura/recitação/acontecimento, em uma escala de zero a dez. O júri é constituído por pessoas escolhidas aleatoriamente na plateia. Das notas dos cinco jurados, a maior e a menor são descartadas, compondo uma nota final que varia entre zero e trinta pontos. O poeta geralmente passa por três rodadas, tendo que apresentar três poesias vencedoras antes de se tornar o campeão da noite.

<sup>4</sup> Nesse trabalho, adotamos a expressão literatura marginal/periférica.

As Batalhas de *slam* ganharam força no Brasil desde a década de 90. As primeiras surgiram em São Paulo, influenciadas justamente pela tendência iniciada nos Estados Unidos através de Marc Smith, trabalhador da construção civil, que fundou o primeiro *slam* do mundo *Uptown Poetry Slam*, em 1986 (NEVES, 2017). Mostrando mudanças significativas ao extrapolarem os limites da literatura dentro dos conjuntos culturais que surgiram com o hip hop, o *slam* comporta novas nomenclaturas e formas. São declamados pelos poetas intitulados “slammers” majoritariamente em espaços públicos, principalmente praças, e são amplamente divulgados pelas redes sociais e plataformas digitais.

O *slam* “se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central” (FREITAS, 2019, p.3). Essa nova forma de pensar a poesia tem como objetivo primordial ser acessível a todos os públicos e fazer que os discursos compartilhados se tornem ouvidos, pois são como manifestos, incitando a coletividade. A voz do **eu** enunciador provoca o **outro** a participar da sua experiência social com o mundo, que é resultante de um processo de violências históricas que permeiam à própria construção dessas identidades sociais.

### **PROPOSTA: O SLAM NA SALA DE AULA**

Diante das discussões e apontamentos teóricos tecidos até aqui, apresentamos, nesse momento, um conjunto de sugestões que viabilizam um projeto de leitura e de ensino de Literatura Marginal/Periférica com o *slam*, considerando práticas com gêneros comumente trabalhados em sala de aula, como contos, poemas e crônicas. Dessa forma, serão sistematizadas gradualmente relações estéticas e contextuais entre as produções contemporâneas, entre elas o *slam*.

Assim, buscando a superação do ensino tradicional de literatura que privilegia aspectos históricos e estéticos categorizados, de modo fixo, nos estilos de época, nossa proposta busca conciliar o paradigma social-identitário (COSSON, 2020) com os pressupostos do letramento literário (COSSON, 2006) para o desenvolvimento das atividades. Nessa perspectiva, compreendemos a literatura conforme esse parâmetro:

A literatura, tal como a concebemos no paradigma do letramento literário, é uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos (COSSON, 2020, p. 177)

Inicialmente, faz-se necessário considerar as pautas culturais e identitárias à medida que os *slams* exploram e problematizam as questões relativas à diversidade do povo brasileiro.

Assim, é imprescindível pensar o texto literário também sob uma ótica política e discursiva, pois “os valores estéticos são redimensionados frente a valores éticos e critérios políticos que no passado eram ignorados, desprezados ou ideologicamente ocultados”. (COSSON, 2020, p.100):

Para tanto, podem ser selecionados gêneros literários diversos como o “conto”, a “crônica”, e poemas. Autores como Conceição Evaristo, Marcelino Freire, Sergio Vaz, Ferréz, que compõem o cenário de escritas marginais contemporâneas, podem ser contemplados, a fim de observar em suas produções os fatores históricos que constituem as suas marginalidades, características estéticas comuns e os traços que revelam um tom autobiográfico entre eles.

Uma ação que poderia ser desenvolvida, objetivando aproximar realidades através de gêneros que circulam em esferas sociais distintas, seria associar o texto narrativo, como por exemplo o conto *Solar dos Príncipes* de Marcelino Freire, com notícias recentes que relatam as situações que são próximas àquelas denunciadas pelo conto, a saber: o racismo estrutural<sup>5</sup> que se refere ao conjunto de práticas institucionalizadas e, sobretudo, históricas que contribuem para a manutenção de uma estrutura social e de dominação pautada no racismo. Em seguida, a leitura de poemas como *Certidão de Óbito*, de Conceição Evaristo, poderia ser realizada, tendo em vista que este texto dialoga com a questão racial presente no conto de Marcelino, levando os alunos à construção de sentidos pela materialidade própria de cada gênero, suas particularidades e pontos de convergência.

Outra sugestão seria o trabalho dialógico de textos literários com artes consideradas marginalizadas como o grafite e o hip hop, destacando como a poesia ultrapassa o texto escrito e se inscreve em elementos verbo-visuais e sonoros que fazem parte das manifestações artísticas de grupos minoritários. Esse momento inseriria o aluno em práticas de leitura intersemióticas, orientando a atenção estudantil para a observação da poesia nos traços e gestos típicos de gêneros considerados marginais, cuja presença na escola ainda é bastante discreta.

Tais escolhas se justificam pelo fato de que se pretende explorar aspectos estéticos dos textos sem a necessidade imediata de interligá-los necessariamente aos períodos ou correntes artísticas, evitando a “fragmentação de trechos de obras ou poemas isolados, considerados exemplares de determinados estilos, prática que se revela um dos mais graves problemas ainda

---

<sup>5</sup> Conforme Silvio Almeida (2018, p. 36), “assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente [...], o racismo que esta instituição venha a expressar é também parte desta mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos”.



hoje recorrente” (BRASIL, 2006, p. 63). Nessa perspectiva, a intenção é de estabelecer o contato direto dos alunos com os textos, e proporcionar, mediante o exercício da comparação, o ato de observar e analisar as obras, destacando, nesse processo, os aspectos formais, sociais, culturais e históricos que podem ser apreendidos destes textos.

Com o desenvolvimento sistemático dessas práticas de leitura, o *slam* pode ser inserido na sala de aula, a partir das performances disponíveis na plataforma YouTube, dentre as quais sugerimos: *O peso das palavras* de Tawane Theodoro; *Slam* de Gabriel Comum; *Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...* de Lucas koka<sup>6</sup>.

Em seguida, os alunos devem ser conduzidos a exporem suas impressões diante das performances, para que percebam como nesse novo gênero o visual<sup>7</sup> é um fator importante na construção de sentido do texto. Como questões norteadoras da discussão, indicamos: “O que vocês acham dessas performances?”; “Vocês consideram essas performances como poesia?”; “Em que ambiente essas pessoas se encontram?”; “De que forma esses poetas se expressam?”; “Há uma forma de falar e de gesticular específicas?”. Assim, através das observações dos alunos correspondentes às questões colocadas, os mediadores contextualizariam o que seria o gênero *slam* – seu surgimento e características –, aproximando-o do universo dos estudantes.

De acordo com Josalba Santos (2016, p.45):

Nenhum leitor/a lê apenas quando está só diante de um texto. A leitura que nos empolga ou emociona solicita compartilhamento [...], a leitura igualmente pode ser realizada em voz alta, de maneira individual ou em grupo, como um coro ou jogral, principalmente se se tratar de um poema.

Dessa forma, compreendemos como parte das ações com o *slam* o trabalho com a oralidade, já que se trata de um gênero de poesia oral. Uma ideia interessante seria dividir os alunos em grupos menores, selecionar coletivamente as letras de alguns *slams*, para que eles possam realizar diversas leituras, experimentando entonações, ritmos e gestualidades, com o fim de atualizar os poemas em outras vozes e corpos, reverberando, portanto, a ação de poetar dos *slammers* para a sala de aula.

Esse trabalho oral é um momento de grande dedicação e exigirá tempo com os alunos, para que eles observem a postura e leituras dos *slammers* e consigam, aos poucos, desenvolver

<sup>6</sup> Tawane Theodoro (Poeta Marginal Paulista participante de vários slams); Gabriel Comum (Poeta Marginal de Campina Grande, do *Slam da Balbúrdia*); Lucas Koka (Paulista, ator, ex BBB 2021, participante de vários *slams*).

<sup>7</sup> Visual, aqui, refere-se ao caráter performático que se constrói pelas vestimentas, posturas, cortes de cabelo; ou seja, elementos perceptíveis que contribuem na construção de sentido dos textos que estão sendo oralizados, denunciando realidades e evidenciando identidades diversas.

seus próprios modos de sentir e oralizar os textos. Caso seja possível, os mediadores podem convidar alguns *slammers* que atuam na própria cidade ou localidades circunvizinhas (geralmente muitos desses poetas já desenvolvem atividades em espaços escolares ou virtualmente) para uma roda de conversa, em que eles compartilhariam suas experiências, além de declamar suas poesias. Na oportunidade, os estudantes também poderiam ser convidados a poetar seus próprios textos ou os poemas dos quais eles mais gostaram no processo de leitura dessas obras.

Por fim, como culminância desse projeto, o professor poderia criar condições para que a escola se tornasse um palco coletivo (o espaço do pátio ou ginásio poderia servir para este fim) onde fosse realizada uma batalha de *slam*, semelhante ao que acontece nas praças ou outros espaços urbanos. O planejamento e a organização do evento poderiam ser divididos com os *slammers* anteriormente convidados para a roda de conversa no sentido de, por meio da consultoria deles, aproximar o mais possível da experiência de rua, para que os textos e as performances dos alunos estejam, assim, bem contextualizados estético-culturalmente. Por conseguinte, tal como no *slam*, a escola poderia se tornar num espaço acolhedor e de coletividade, no qual os problemas sociais e culturais poderiam ser não apenas debatidos, mas visualizados na voz e no corpo dos estudantes, enquanto estes constituem moradas provisórias dos poemas que teimam em gritar as dores do mundo.

Considerando as realidades do ensino remoto emergencial no contexto pandêmico, que exigiu inúmeras adaptações no campo educacional, as propostas sugeridas neste artigo podem ser reajustadas e desenvolvidas em salas de aula virtuais, até porque muitas batalhas e eventos de *slams* se adaptaram às plataformas digitais para continuidade de suas ações. Isso demonstra a resistência e luta dos grupos sociais marginalizados, que buscam cada vez mais alcançar visibilidade e direito à voz, seja qual for o tempo e o espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, observamos os problemas que ainda envolvem o ensino de literatura tendo em vista o uso de métodos tradicionais, que, comumente, produzem a necessidade de memorização da história da literatura. Contudo, em virtude de novos estudos e reflexões empreendidas sobre a literatura no contexto educacional, alguns esforços têm colaborado no desenvolvimento de práticas de leitura com textos literários contemporâneos que representam realidades e lutas legítimas de grupos minoritários. Nestes textos, o mundo

material é construindo pela experiência com a linguagem. As características sociais e históricas em torno dessas produções são aspectos que merecem destaque, pois

o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. [...] quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar (CANDIDO, 2000, p. 6).

Assim, as histórias e os gestos socioculturais que as novas escritas carregam importam como aspectos definidores das próprias linguagens (re)construídas nas obras. Os textos e leituras performáticas da poesia marginal/periférica nas batalhas de *slam* conseguem compor os cenários da vida cotidiana, a resistência social e estética sob múltiplas facetas, constituindo novos conceitos artísticos e poéticos.

Dessa maneira, mais do que representações da vida das pessoas das classes menos privilegiadas, para as quais o “fazer literário” fora distanciado e negado, a literatura periférica/marginal constitui-se em escritas cujo labor estético é diverso das escrituras canônicas, mas, nem por isso, menos artístico.

No contexto de ensino de literatura, considerando que a escola é uma das instâncias legitimadoras do saber e da cultura (ABREU, 2006), é importante fazer circular nesse espaço uma variedade de obras, inclusive àquelas produzidas por escritores e escritoras que divergem do padrão hegemônico do produtor de literatura, a saber: homem branco de classe média ou abastarda. Por conseguinte, o *slam* e outras escritas afins precisam visitar mais frequentemente as salas de aula, para que os alunos ampliem seu repertório estético-cultural e sua concepção de literatura.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

\_\_\_\_\_. **Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC, Secretaria da Educação Básica, 2006.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000, p. 5-16.



COMUM, Gabriel. **SLAM DA BALBÚRDIA.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Q-9gBof-kg>. Acesso em: 14 dez. 2021.

COSSON, Rildo. **O letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. O paradigma social-identitário. In: **Paradigmas do ensino de literatura.** São Paulo: Contexto, 2020, p. 97-125.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2020.

KOKA, Lucas. **Calma, senhor, não atira. Não sou bandido, sou artista, poeta, cantor...** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_AohbnYNvpo&t=7s](https://www.youtube.com/watch?v=_AohbnYNvpo&t=7s). Acesso em: 14 dez. 2021.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?. In: BUZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (orgs). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 83-102.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams-letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. **Linha D'Água**, v. 30, n. 2, 2017, p. 92-112.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. Leitores/as, textos e contextos. In: PINTO, Francisco Neto Pereira; MELO, Márcio Araújo de (orgs.). **Panorama contemporâneo das pesquisas em ensino de literatura.** Campina Grande: EDUFCG, 2016, p. 41- 57.

THEODORO, Tawane. **O peso das palavras – Final Slam da Guilhermina.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJa6q6DgLLg&t=2s>. Acesso em: 14 dez. 2021.

VIEIRA, Aline Deyques. A literatura e a arte na contemporaneidade. In: **O Clarim dos marginalizados.** Curitiba: Appris, 2015, p. 47-83.

ZEIFERT, Anna Paula Bagetti; AGNOLETTI, Vitória. O pensamento descolonial e a teoria crítica dos direitos humanos: saberes e dignidade nas sociedades latino-americanas. **Revista Húmus**, v. 9, n. 26, 2019, p. 197-218.